

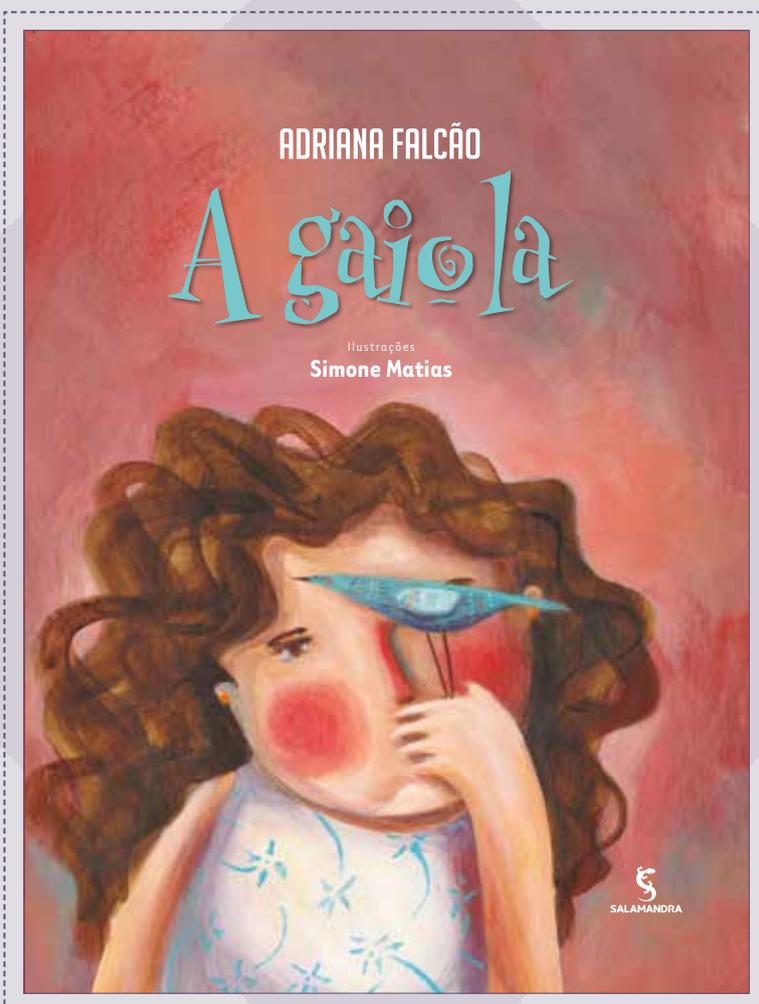
Material de apoio ao professor
Contextualização da obra

A gaiola

Adriana Falcão

Ilustrações de **Simone Matias**

Coordenação pedagógica **Maria José Nóbrega**



De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como de cifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Adriana Falcão, a autora de *A gaiola*



Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em Arquitetura. Ela nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolentas estruturas de suas histórias, sempre muito divertidas. É escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos. Também encanta o público com seu talento nos roteiros para programas de TV, cinema e teatro.

A obra

O delicado encontro entre uma Menina e um Passarinho é o mote desse belo livro de Adriana Falcão. Explorando os diferentes pontos de vista das personagens, a autora constrói uma história aparentemente simples, mas que aborda com surpreendente profundidade questões acerca do amor e seus desdobramentos.

Tudo tem início quando, certo dia, um Passarinho machucado cai na casa de uma Menina. Sem pensar duas vezes, ela rapidamente toma para si a missão de cuidar do animal e, para isso, não poupa esforços. Entre curativos e carinhos, a Menina, em pouco tempo, passa a amar o Passarinho, que lhe retribui o sentimento.

Quando o Passarinho, finalmente, se vê curado, a Menina entende que é chegada a hora de soltá-lo. Mas, depois de tanto amor cultivado, nem ele nem ela querem mais se separar. E, para a surpresa e alegria de ambos, quando, com o coração apertado, ela diz “voa!”, ele rapidamente responde: “Menina, me prende numa gaiola?”.

A felicidade se apossa do coração de ambos. Assim teriam sempre um ao outro! A Menina seria só do Passarinho e o Passarinho seria só da Menina! Mas... afinal, é possível prender o amor?

É nesse momento que a história de Adriana Falcão sofre uma reviravolta. A gaiola, que supostamente traria segurança às personagens, rapidamente se transforma em tormento – uma amarra que constantemente questiona a

liberdade de suas escolhas. E assim, num piscar de olhos, o amor entre a Menina e o Passarinho se desdobra em facetas difíceis de compreender e aceitar, como o medo, o ciúme, a rivalidade, a insegurança, entre tantas outras.

Comentários sobre a obra

Por meio da relação de afeto entre uma criança e um animal, facilmente reconhecível pelo universo infantil, a autora introduz com coragem e delicadeza a ambiguidade dos sentimentos que o amor carrega em si. Vale ressaltar também as belas ilustrações de Simone Matias, que embalam o leitor na subjetividade das personagens, traduzindo em imagens os seus oscilantes estados de espírito.

Por fim, a Menina e o Passarinho compartilham com o jovem leitor uma verdade que talvez seja um pouco dolorida: não existem gaiolas que possam garantir a permanência de um amor. Mas existe o momento presente, existe a alegria compartilhada e existe a coragem de seguir o coração.

Quadro-síntese

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.